

A PEDAGOGIA DOS CATECISMOS PROTESTANTES NO BRASIL CATÓLICO

Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento¹

Universidade Tiradentes

3. Cultura e Práticas Escolares

Este trabalho discute um tipo de impresso protestante – o catecismo – analisando sua materialidade e questionando como o mesmo foi utilizado como instrumento pedagógico pelos presbiterianos norte-americanos presentes no Brasil desde o século XIX. Na perspectiva da Nova História Cultural, são analisados os catecismos que integram o acervo do Arquivo Histórico Presbiteriano, evidenciando o discurso doutrinário e os valores que este tipo de impresso difundiu.

A palavra catecismo é originária do grego *katechismós*, que significa instrução. O catecismo é uma publicação de instrução religiosa que adota o modo particular de exposição de diálogo, através de perguntas e respostas, transmitindo de maneira acessível conhecimentos complexos a crianças ou a iniciantes. Através da memorização, ensina a doutrina, as regras e as normas das igrejas católicas e protestantes, inculcando hábitos, valores religiosos e morais, modelando comportamentos.

Para os cristãos, doutrina é o ensinamento de um tema em particular das Escrituras Sagradas. Teologicamente, a palavra dogma é usada para aplicar uma doutrina formulada pelo corpo eclesiástico autorizado, como o conselho de uma igreja. O credo é uma expressão concreta da experiência pessoal. Os credos, desenvolvidos no interior da igreja cristã, serviram inicialmente de instrução aos novos convertidos à fé, os quais eram batizados em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Eram chamados de catecúmenos, sendo instruídos nas doutrinas e disciplina da igreja e a instrução era chamada de doutrinação ou catequese. A catequese significava, então, a divulgação da doutrina cristã, que se fazia por contato e convencimento, através de visitas, discursos, presentes, músicas, peças teatrais. Posteriormente, a doutrina cristã foi preparada na forma de pergunta-resposta, sendo chamada de catecismo (NASCIMENTO, 2002b).

No catecismo católico *Disputatio puerorum*, do século XI, o discípulo era quem fazia as perguntas e o mestre as respondia. Já no catecismo jesuíta, durante o século XVI, ocorria o contrário. Para doutrinar os colonos portugueses e indígenas, principalmente as crianças, José de Anchieta produziu um catecismo bilíngüe, em tupi e em português, provavelmente no ano

de 1560. No *Diálogo da fé*, composto de 616 perguntas e respostas, o mestre fazia as perguntas e o discípulo as respondia. O catecismo abordava principalmente os costumes indígenas, como “comer gente” (antropofagia), “comer terra ou outra coisa para morrer” (suicídio) e fazer-se feiticeiro. Quanto aos conteúdos bíblicos, explicava a Trindade, a Semana Santa e o Decálogo (CÉSAR, 2000, p. 44, 45).

O catecismo foi utilizado em larga escala pela Igreja Católica. No final do século XV e início do seguinte, surgiram catecismos e manuais sobre confissão, ilustrados com gravuras de habitantes do inferno alimentando-se com a carne uns dos outros. A compilação de vários deles foi realizada pelos jesuítas Ripalda e Astete. Todos eles enfatizavam a devoção pessoal, a oração particular e o cultivo de um relacionamento individual com Deus, bem como o aprendizado mecânico de fórmulas tradicionais e a prática de obras de caridade.

No protestantismo, a leitura e a fé estão interligadas. Com a Reforma protestante, a partir do século XVI, uma identidade ao mesmo tempo religiosa e cultural desenvolveu-se em torno dos mesmos livros que sustentavam os diferentes exercícios religiosos: a leitura da Bíblia, a oração, o canto em comum, a escuta do sermão e a ceia. Em casas protestantes, era feito o culto doméstico diário, onde, geralmente, o pai lia e explicava um texto bíblico, enquanto a família e os criados ouviam. Em seguida, cantavam alguns hinos, encerrando com uma oração (VILAS-BÔAS, 2001).

Uma das conseqüências dos conflitos entre católicos e protestantes a partir da Reforma foi a proliferação de catecismos. Na cultura protestante, eles funcionaram como um importante veículo de difusão e inculcação dos preceitos religiosos definidos pelos seus líderes. A ânsia de encaminhar as crianças ao conhecimento da fé foi um grande estímulo para a expansão da literatura catequética. A função dos manuais era concentrar a instrução face a face. O catecismo também foi utilizado tanto como um método pedagógico como um guia e encorajador cristão pelos reformadores protestantes, principalmente por luteranos, anglicanos e presbiterianos.

O sucesso do *Catecismo breve* de Lutero, de 1529, deveu-se em parte, à possibilidade de acesso direto a ele por parte dos leitores leigos, sendo considerado a Bíblia do homem comum. Ocasionalmente, o catecismo era versificado para facilitar sua memorização e, muitas vezes, ele foi mais popular do que a própria Bíblia. Durante o século XVII, na Suécia, o clero percorria casa por casa para testar os leigos sobre sua capacidade de leitura e conhecimento do

catecismo. Em outros lugares, as respostas corretas eram um pré-requisito para a admissão à Ceia do Senhor, principal ritual das igrejas protestantes. Naquela época, em Hamburgo, circulavam mais de 50 catecismos diferentes.

CATECISMOS PROTESTANTES: O TEXTO E SEU SUPORTE

Quando falamos de impressos estamos nos reportando às suas distintas formas materiais, à produção do sentido e às práticas de leitura. Tratamos do mundo do texto e do mundo do leitor; da ordem dos livros e da ordem dos discursos; de formas e sentidos. Todos esses termos reportam-se à produção material dos impressos, ou seja, dos seus suportes, do objeto escrito, até a apropriação da mensagem contida neles. O livro sempre procurou estabelecer uma ordem, seja na sua decifração ou pela autoridade de quem o encomendou ou permitiu sua publicação. Manuscritos ou impressos, os livros também são “objetos cujas formas comandam, se não a imposição de um sentido ao texto que carregam, ao menos os usos de que podem ser investidos e as apropriações às quais são suscetíveis” (CHARTIER, 1996, p. 8).

É necessário lembrar que os textos não existem fora dos suportes materiais de que são os veículos, pois são eles que permitem sua leitura, sua audição ou sua visão e, conseqüentemente, participam de seus significados. Não é possível tratar da história do livro separando o estudo de suas condições técnicas e materiais de produção ou de difusão dos objetos impressos e a dos textos que eles transmitem. Faz-se necessário investigar a historicidade da produção escrita, qualquer que seja ela, de acordo com o tempo e o lugar que lhes são próprios.

Os protocolos de edição ou impressão nos levam a refletir sobre o suporte material do sentido, o qual determina sua efetuação nas práticas. A materialidade do suporte é imprescindível para se compreender o espírito das representações a que seus usos deram margem. Para realizar a história das práticas de leitura é necessário fazer o levantamento das várias formas particulares do impresso e dos usos históricos do livro².

Do acervo da biblioteca particular do pastor presbiteriano Júlio Andrade Ferreira, doada por ele para o Arquivo Histórico Presbiteriano, de São Paulo, sua coleção de livretos, opúsculos e folhetos chama a atenção pela quantidade e pelo fato de que grande parte daquela literatura fora publicada durante o século XIX. Dentre os títulos catalogados, estavam arrolados 17 catecismos protestantes³. Publicados no período de 1864 a 1917, por editoras

metodistas, presbiterianas e batistas, da Itália, Estados Unidos, Portugal e Brasil, sob vários formatos, eles se destinavam aos alunos de suas escolas confessionais e da Escola Bíblica Dominical, aos ministros protestantes e aos pais.

Dos sete catecismos localizados no acervo do Arquivo Histórico Presbiteriano, dois estão escritos em italiano, três em inglês e dois em português. Cinco deles são dirigidos para a instrução infantil; outro, escrito por uma mulher, destina-se às mães, orientando-as como devem ensinar seus filhos e o último, é o *Catecismo menor de Westminster*. Todos trazem a oração do Pai Nosso e os Dez Mandamentos. Dentre eles, até as primeiras décadas de século XX, o Catecismo Menor era o mais utilizado nas classes infantis das Escolas Bíblicas Dominicais e nas aulas da disciplina Bíblia das escolas presbiterianas.

O catecismo protestante italiano *Di prime istruzioni religiose pei bambini* é uma edição publicada em três volumes, pela Tipografia e Livraria Claudiana, na cidade de Florença. O editor informa que os mesmos são sintéticos e de tamanho reduzido, seguindo a edição inglesa, os quais tratam do Velho Testamento. Ainda roga a Deus que a instrução bíblica contida no impresso seja eficaz nos pequeninos leitores. Esta pesquisa localizou as duas primeiras partes.

O exemplar da primeira parte é a quarta edição, publicado em 1906. O prefácio informa que o objetivo do impresso é conduzir a criança a compreender as Escrituras Sagradas e levá-la a apreciar a leitura. Orienta ainda que o texto deve ser lido pelos pais, pois a voz dos genitores chamará mais a atenção do filho e comoverá seu coração, fazendo afetuosamente as observações necessárias. Apesar de não registrar o nome do seu autor, informa ainda que o mesmo teve o cuidado de não aprofundar muito as questões abordadas, decidindo descrever detalhadamente os principais fatos relatados na Bíblia, de uma forma sucinta. Já a segunda parte, em um formato menor que o anterior, é uma publicação de 1864.

Apesar de não ter sido localizado o terceiro volume e de o segundo estar incompleto, é possível inferir que cada volume está dividido em 40 capítulos, indicando abaixo de cada título os trechos da Bíblia aos quais se referem, apresentados em forma de uma conversa com a criança, com algumas notas explicativas em rodapé. No início de cada lição, o pai faz uma pergunta ao filho, oferecendo-lhe a resposta adequada, finalizando com uma mensagem cristã e moral. Ainda traz figuras que descrevem a cena narrada, como a visão de Jacó, o sonho de José e o embate entre Davi e Golias. Descreve a criação do mundo e personagens bíblicos,

como Esaú, Jacó, José, Moisés, Samuel, Saul, Davi, Salomão, Elias, Eliseu, Daniel que, à exceção de Saul, são apresentados como protótipos de Jesus Cristo. A parte final dos livretos é composta por uma seção de perguntas genéricas de todo o assunto abordado; outra, com as perguntas destinadas para cada capítulo; um versículo para cada lição, que deve ser decorado pela criança e, finalmente, um índice.

O *The little child's catechism*, de autoria de L. H. Wilson, foi publicado em 1890, pela St. Louis Presbyterian. O autor informa que seu objetivo é prover instrução para as crianças em forma de catecismo de fácil compreensão, através de 20 lições religiosas e de cunho moral.

Dois dos exemplares localizados foram publicados em português pela Casa Editora Presbiteriana: o *Catecismo bíblico para classes infantis* e o *Catecismo para a infância*. Neles, os preceitos protestantes estão distribuídos em 26 capítulos. O primeiro, publicado em 1916, de autoria de Samuel B. Schieffelin, além de tratar dos preceitos da igreja presbiteriana, apresentava vários personagens bíblicos como exemplos a serem seguidos pelos pequeninos protestantes: Enoque, Abraão, José, Samuel, Davi, Salomão, Jó, Elias, Eliseu, Daniel e João Batista. Na contracapa, a editora fazia a propaganda de alguns títulos, dentre eles, o *Catecismo para as crianças*, o *Breve catecismo* e o *Catecismo de doutrina*. Já o *Catecismo para a infância* foi publicado em 1911, em parceria com a Livraria Evangélica, de Lisboa, e a Tipografia Mendonça, da cidade do Porto.

O *Mother's catechism* foi escrito por Anna L. Price, publicado pela Whittet & Shepperson, na cidade de Richmond, Estado da Virgínia, tendo os direitos autorais reservados pelo Comitê Presbiteriano de Publicações, do Escritório da Livraria do Congresso, em Washington, DC. Publicado, provavelmente, durante a década de 70 do século XIX, como um suplemento das Escolas Dominicais, o catecismo da mãe é composto de perguntas e respostas curtas, distribuídas em 16 páginas, que deveriam ser ensinadas ao seu filho.

Apresenta a Bíblia como o livro de Deus, que deve servir de guia para a vida. Jesus Cristo é descrito como filho de Deus, nascido como uma criança, semelhante à que está aprendendo a doutrina cristã. Durante o aprendizado, o pequenino memoriza versículos bíblicos relacionados às questões apresentadas, além de curtas orações e os Dez Mandamentos. A criança também aprende que deve demonstrar servir a Deus através da obediência aos seus pais; os missionários são apresentados como as pessoas que divulgam o evangelho em outros países, necessitando, portanto, de dinheiro para subsistirem.

O *The Westminster question book* foi publicado em 1880, pela Gráfica Westcott & Thomson, Stereotypers and Electrotypers, na Philadelphia. Recomendado pelo órgão maior da Igreja Presbiteriana do Norte dos Estados Unidos, o *Catecismo menor* deveria ser aplicado por professores e alunos das classes infantis enquanto que as classes mais adiantadas aprenderiam o *Catecismo maior*. Aquele, continha lições, mapas, ilustrações, planos de aula, seleções de textos bíblicos para serem lidos em casa, apresentados de forma compacta, com o objetivo de convencer os alunos. A introdução ainda indicava que as lições estavam conectadas entre si através de informações históricas e eram apresentadas de maneira que o estudante, independentemente do professor, também pudesse estudar sozinho.

O *Catecismo menor* está dividido em quatro partes, cada uma contendo 13 lições. A 12ª lição é uma revisão, em forma de perguntas, referentes ao conteúdo das lições e a última, repete as perguntas do catecismo que devem ser respondidas pelos alunos. Baseado no evangelho de Mateus, as duas primeiras partes referem-se à infância de Jesus e seu poder como Filho de Deus, respectivamente. As duas últimas, baseadas no livro de Gênesis, ensina sobre a criação do mundo e do homem e o surgimento da nação israelita, respectivamente.

O conteúdo bíblico é ensinado de várias maneiras, visando a inculcação dos dogmas e preceitos da igreja presbiteriana. Cada lição é apresentada didaticamente com um título, e está dividida em sete partes: trecho bíblico, leitura para casa, “introdutório”, auxílio ao estudo, plano de lição, instrução e catecismo.

A lição inicia-se com um trecho bíblico, indicando onde o tema é tratado na Bíblia, finalizando com um texto básico. A leitura para casa é composta de sete referências bíblicas, uma para cada dia da semana, indicando o assunto e hinos presbiterianos. O “introdutório” é um resumo dos temas abordados. Em seguida, o auxílio ao estudo é um texto curto, explicando cada versículo que compõe o estudo. O plano de lição, dividido em três partes, é formado por perguntas, indicando o versículo em que se encontra a resposta. A parte denominada de “instrução” consta de frases para serem completadas. E, finalmente, o tópico “catecismo” apresenta entre uma a três perguntas e suas respectivas respostas, uma análise, e finaliza com frases conclusivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito se tem a investigar sobre a produção, circulação e apropriação de impressos no Brasil. Para Jorge Carvalho do Nascimento (2001), “as discussões acerca da difusão dos

hábitos de leitura no Brasil ainda são, em certa medida, incipientes e cheias de interpretações carregadas de preconceitos próprios da historiografia dos primeiros anos da República”. Para o autor, “as tintas sombreadas utilizadas pelos historiadores da cultura para pintar o Brasil dos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX consolidaram a visão de que estávamos indigentes de ciência em função das tradições que herdávamos sob a influência dos jesuítas”.

O pesquisador Jorge de Souza Araújo afirma que “o brasileiro, se não lia tudo ou bem, ao menos lia. E lia razoavelmente vário e muito”. Segundo o Autor, as primeiras bibliotecas brasileiras foram formadas a partir de 1549, com a chegada dos jesuítas e, em fins de Quinhentos, existiam bibliotecas jesuíticas na Bahia, Maranhão, Pará, Rio de Janeiro, São Paulo e Espírito Santo. No ano da expulsão dos soldados de Cristo, em 1759, sua biblioteca “era da ordem de 15 mil volumes”, destacando sua “poderosa influência no comportamento do leitor brasileiro”. Além de cartilhas, livros de devoção, práticas de sermonários e catecismos teológicos, existiam clássicos, censurados pelo *Index* inquisitorial, como Virgílio, Cícero, Horácio, Ovídio, Sêneca, Aristóteles, Platão, Demóstenes, Homero, Hesíodo e Píndaro (ARAÚJO, 1999, p. 19, 33-37).

No entanto, para construir o perfil do leitor colonial, Araújo (1999) não considera a ação protestante no país. As primeiras incursões dos seguidores de Lutero em terras brasileiras que se tem notícia datam de meados do século XVI, concomitante à presença dos jesuítas, quando franceses comercializavam madeiras brasileiras com os índios tupinambás. Também foi registrado naquele período pelo Santo Ofício a presença de piratas e corsários franceses, ingleses e holandeses na costa brasileira, que tentavam romper o monopólio comercial ibérico (NASCIMENTO, 2004, p. 45).

O Padre José de Anchieta falou, em 1560, em carta ao Cardeal D. Henrique, que, no forte Coligny, após ser tomado pelos luso-Católicos, foram achados muitos “livros heréticos”. Alarmados, “os mesmos luso-Católicos decidiram agir severamente contra os franceses que se passassem para o lado deles, luso-Católicos” O argumento era que, “nutridos por tais livros poderiam ser perigosíssimos como propagadores de heresias; e também por ter havido entre eles, no Brasil, mestre – ou mestres – de artes liberais, grego, hebraico, verdadeira sagrada Escritura” (FREYRE, 1960, p. 198).

Os livros e impressos não circulavam somente entre os estudantes e letrados. Existia um “submundo” da literatura ilustrada, pois “mesmo sem imprensa na Colônia, as idéias

circulavam em panfletos e cópias manuscritas, em cadernos de notas, em textos embarcados clandestinamente e vendidos aos interessados”. A circulação das idéias “afrancesadas” ultrapassava o âmbito das elites esclarecidas, pois foram encontrados cadernos com cópias manuscritas de autores franceses proibidos, como Rousseau, entre os participantes da Inconfidência Baiana de 1798, a Conjuração dos Alfaiates (HILSDORF, 2003, p. 31).

Pesquisas realizadas por Maria Lucia Spedo Hilsdorf (2003), Jorge Carvalho do Nascimento (2001), Jorge de Souza Araújo (1999), Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento (2002a, 2002b, 2003), Luis Carlos Vilalta (1997), Eduardo Frieiro (1981) e Ubiratan Machado (2003), dentre outros, possibilitam afirmar que existiu uma presença significativa de impressos diversos no Brasil e, conseqüentemente, de leitores, indo de encontro às interpretações construídas que desenham o Brasil como um país de iletrados.

Durante o século XIX, as missões protestantes norte-americanas enviaram seus professores para instalarem escolas primárias nos locais em que os *colporteurs* distribuía impressos para as pessoas que os recebiam e não sabiam ler. O livro de leitura adotado em suas escolas era a Bíblia com o objetivo de alguns dos alunos, tanto crianças quanto adultos, tornarem-se parte da população de suas igrejas (NASCIMENTO, 2005). Dos impressos protestantes, os catecismos funcionaram como um instrumento prescritivo de inculcação de hábitos, de valores que deveriam ser externados através de atitudes e comportamentos, demonstrando o caráter do verdadeiro cristão.

Necessário se faz rastrear as políticas editoriais adotadas por entidades protestantes, tanto na área religiosa como educacional. Investigar os acordos que provavelmente fizeram entre si, para implementar seus projetos de evangelização e definitiva inserção no Brasil. Verificar de que maneira as sociedades bíblicas distribuía seus agentes e *colporteurs* no território brasileiro, como definiram os locais a serem visitados, quais títulos circularam e com que objetivo, como a Igreja Católica se posicionou diante dessa estratégia de difusão de idéias protestantes através de impressos e da própria Bíblia no território brasileiro. Faz-se necessário também examinar os critérios de seleção dos tradutores e dos autores que produziram literatura religiosa e pedagógica, para tentar compreender de que forma outros princípios religiosos circularam e foram apropriados pelos que aceitaram o protestantismo.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES

JUNTA DA ASSEMBLÉIA GERAL PRESBITERIANA. **The Westminster Question Book**. Philadelphia: Westcott & Thomson, Stereotypers and Electrotypers, 1879.

PRICE, Anna L. **Mother's catechism**. Richmond: Whittet & Shepperson, S/D.

S/A. **Catecismo para a infância**. Lisboa: Livraria Evangélica Rua das Janelas Verdes / Porto: Tipografia Mendonça, 1911.

S/A. **Di prime istruzioni religiose pei bambini**. 2ª Parte. Firenze: Tipografia e Livraria Claudiana, 1864.

S/A. **Di prime istruzioni religiose pei bambini**. 1ª Parte. 4ª ed. Firenze: Tipografia e Livraria Claudiana, 1906.

SCHIEFFELIN, Samuel B. **Catecismo bíblico para classes infantis**. Lisboa: Livraria Evangélica / Porto: Tipografia Mendonça, 1916.

WILSON, L. H. **The little child's catechism**. St. Louis Presbyterian, 1890.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Jorge de Souza. **Perfil do leitor colonial**. Salvador: UFBA; Ilhéus: UESC, 1999.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. "Por uma história cultural dos saberes pedagógicos". In: SOUZA, Cynthia Pereira de e CATANI, Denice Bárbara. (Org.). **Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente**. São Paulo: Escrituras Editora, 1998, p. 31-40.

CÉSAR, Elben M. L. **História da evangelização do Brasil**. Dos jesuítas aos neopentecostais. Viçosa: Ultimato, 2000.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

FREYRE, Gilberto. **Um engenheiro francês no Brasil**. 1º Tomo. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.

HILSDORF, Maria Lucia S. **História da educação brasileira: leituras**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. "A palavra impressa como estratégia de difusão do protestantismo no Brasil nas décadas de 50 e 60 do século XIX". In: **ANAIS ELETRÔNICOS DO II CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA**, 2002a. Natal. CD Rom.

_____. “Considerações iniciais acerca da palavra impressa e as práticas religiosas e educacionais protestantes no século XIX”. **Revista do Mestrado em Educação**. São Cristóvão: UFS/NPGED. V. 4, 2002b, p. 67-85, Jan/Jun.

_____. “A batalha da fé: uma leitura dos embates travados entre católicos e protestantes nos jornais da Província de Sergipe”. In: **ANAIS ELETRÔNICOS DO XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: HISTÓRIA ACONTECIMENTO E NARRATIVA**. João Pessoa, 2003.

_____. **A Escola Americana: origens da educação protestante em Sergipe (1886-1913)**. São Cristóvão: Grupo de Estudos em História da Educação/NPGED/UFS, 2004.

_____. **Educar, curar, salvar**. Uma ilha de civilização no Brasil tropical. Tese de Doutorado em Educação. São Paulo: PUC, 2005.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. “Nota prévia sobre a palavra impressa no Brasil do século XIX: a biblioteca do povo e das escolas”. **Revista Horizontes**. Bragança Paulista: Universidade São Francisco. V. 19, 2001, p. 11-27, Jan/Dez.

VILAS-BÔAS, Ester F. “A influência da pedagogia norte-americana em Sergipe e na Bahia: reflexões iniciais”. **Revista Brasileira de História da Educação**. Jul/Dez, nº 2. Campinas: Editores Autores Associados, 2001, p. 9-38.

NOTAS

¹ Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe. Coordenadora do Núcleo de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes. Líder do Grupo de Pesquisas História das Práticas Educacionais/UNIT. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação: Intelectuais da Educação, Instituições Educacionais e Práticas Escolares/UFS. E-mail: ester.fraga@uolcom.br

² Para Carvalho, “analisados como produtos de estratégias determinadas, os materiais deixam ler as marcas de usos prescritos e de destinatários visados” Carvalho ainda afirma que é a partilha de um conjunto determinado de códigos culturais que distingue as práticas de apropriação, definindo comunidades distintas de usuários e configurando os usos que fazem de objetos e dos modelos culturais que lhes são impostos.” (Carvalho, 1998, p. 36).

³ Os títulos são os seguintes: **Um novo catecismo (catecismo evangélico) por ministros de diversas Igrejas evangélicas na Inglaterra**. S/D. Trad. M. Kyle. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Metodista (livreto). **Breve Catecismo de doutrina cristã da Igreja Presbiteriana**. 1917. Rio de Janeiro: Redação do Puritano (livreto). **The intermediate catechism**. 1912. Philadelphia: Presbyterian Board of Publication and Sabbath-School Work (livreto). **Breve catecismo de doutrina cristã com referências adotado pela Igreja Presbiteriana**. 1880. Rio de Janeiro: Livraria Evangélica (livreto). GAMMON, Samuel R. **Catecismo para os conversos**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Redação do Puritano (livreto). **Semplice catechismo per il battesimo**. 1864. Firenze: Tip. Claudiana (livreto). BRAGA, J. R. C. **Presbyterian doctrine. Briefly Stated**. 1869. Philadelphia: Presbyterian Board of Publication (livreto). **O catecismo evangélico**. 1908. Lavras: Casa Editora Presbiteriana (livreto). CLEVELAND, T. P. 1886. **A catechism on baptism**. Atlanta (livreto). **Breve catecismo de doutrina cristã adotado pelo Sínodo Presbiteriano do Brasil**. 1906. Natal: Tip. d' O Século (livreto). **Doutrina apostólica cristã por João Theodoro de Araújo**. 1913. São Gonçalo do Sapucaí/MG: Tip. Gazeta do Sul (livreto). STRICKLER, Givens B. **The nature value and special utility of the catechisms**. 1897. Richmond: Presbyterian Committee of Publication (livreto). **Catecismo intermedio con prove dalle scritture**. 1914. Philadelphia: Presbyterian Board of Publication and Sabbath-School Work (livreto). SCHIEFFELIN, Samuel B. 1916. **Catecismo bíblico para as classes infantis**. Rio de Janeiro: Livraria do Puritano (livreto). THIGPEN Alexandre M. S/D. **Catecismo para os pequeninos**. 12ª. ed. São Paulo: Imprensa Metodista (livreto).